

# FILOSOFIA-UNIMES

## AULA 1 - Conceito e definição

A palavra definir dá uma sensação de definitivo, que termina que é final.

A palavra filosofia nos dá a idéia de saber, não um saber qualquer, próprio do senso comum, mas um saber.

Sistemático (porque reúnem o conjunto de partes similares, princípios que regulam certa ordem de fenômenos);

Rigoroso (porquanto procede de modo exigente, minucioso);

Reflexivo (uma vez que é comunicativo, estabelece relações)

Crítico (dado que provoca a crise, a alteração, um ponto de transição decisivo).

Etimologicamente a palavra filosofia vem do grego: φιλοσοφία (Philosophia), sendo φίλος (Philo) amigo, amor e σοφία (Sophia) saber. Portanto, φιλοσοφία (Philosophia) é amor à sabedoria ou amigo do conhecimento.

Não um saber com um único objeto de estudo, mas um saber dinâmico que procura em sua própria atividade energética demonstrar sua força e poder.

Martin Heidegger: Que é isto – a filosofia?

O Ser de uma coisa, qualquer coisa, é sua Essência.

A essência é a natureza íntima das coisas; é aquilo que faz com que uma coisa seja o que é; o que faz com que esta coisa seja ela mesma e não outra.

Então a essência é a estrutura própria de uma coisa.

## AULA 2- Preconceitos sobre a filosofia

Todos os homens são “filósofos”.

Temos uma concepção de mundo.

“Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito”. (Epicuro, 1997, p. 21)

Filosofar sobre a educação é rejuvenescer o espírito.

### AULA 3- Filosofia e ciência

Uma ciência, para ser ciência, tem que ter um objeto particular de estudo. Exemplo: o objeto de estudo da matemática, isto é, aquilo com que a matemática se ocupa são os números e suas relações; a biologia, a vida e suas relações; a física, a natureza etc. Por isso são chamadas de ciências particulares.

Vancourt, procura mostrar que esta discussão não é tão relevante. O importante é que a filosofia persiga a visão do todo.

### AULA 4- Filosofia, saber e valor

A palavra saber (sapere) tem vários sentidos: conhecer, estar informado, estar a par de alguma coisa.

Todos possuem um saber.

o saber filosófico é um saber teórico, especulativo, sistemático, rigoroso, de conjunto, mas nem por isso divorciado da vida.

Útil é tudo aquilo que pode ter algum uso, ou que serve para algumas coisas portanto, o que é proveitoso.

São nas incertezas e não nas certezas que reside o valor da filosofia.

### AULA 5 - A filosofia e a verdade

Por ser um saber teórico, a filosofia incomoda. Isto porque ela busca a verdade.

Ela é detentora da verdade.

O problema crucial é o seguinte: a filosofia aspira à verdade total, que o mundo não quer. A filosofia é, portanto, perturbadora da paz.

A verdade, como vocês puderam notar, é dinâmica. Manifesta-se de várias formas: nas ciências, na arte, literatura, educação etc. Eleger uma delas como sendo o conhecimento

mais verdadeiro é entendê-lo como retilíneo.

Esta prática educativa deve estar atenta para não se cair no imediatismo de que a apropriação do conhecimento nos qualifica a formas de tratamento especializado. O pensamento especializado engessa a ação, provocando a ação insensata.

## AULA 6- Educação e abrangência.

Podemos entender também a educação como desenvolvimento geral do ser humano.

Educar, em sentido amplo, é desenvolver e orientar aptidões.

Em seu sentido estrito, pode-se dizer educãre (= alimentar, amamentar, criar) e educëre (= que expressa a idéia de conduzir para fora, fazer sair, tirar de). Educãre nos transmite o sentido de algo externo que se acrescenta ao indivíduo procurando dar-lhe condições para seu desenvolvimento, e aí percebemos um movimento externo em direção ao sujeito; educëre (= expressa a idéia de conduzir para fora, fazer sair, tirar de) e aqui percebemos as potencialidades latentes no sujeito. Estes dois momentos são importantes para que possamos entender melhor como se processa a epistemologia do conhecimento que trataremos na última unidade. Por ora serve a indicação.

O Homem é o único animal que necessita ser educado.

A Filosofia da Educação requer uma prática educativa reflexiva e uma ação sensata.

## AULA 7- A ação sensata

“O bom senso é a coisa do mundo melhor partilhada, pois cada qual pensa estar tão bem provido dele, que mesmo os que são mais difíceis de contentar em qualquer outra coisa não costumam desejar tê-lo mais do que o têm”. O bom senso é o uso da razão que todos possuem. Mas o que é importante destacar no discurso de Descartes é que, depois de considerar a maneira de cada um conduzir seus pensamentos, ele acrescenta: “Pois não é suficiente ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem” (Descartes, 1987, p.29).

Para a educação e formação do professor, não é suficiente que se tenha “o espírito bom”, faz-se necessário “aplicá-lo bem”, ou seja, é necessária uma ação sensata, uma prática educativa reflexiva.

A ação sensata do professor tem como origem sua própria vivência.

## AULA 8 - Ação e instrução

A ação é sempre manifestação de alguma coisa e, nesse sentido, sua extensão é maior na realidade concreta do que sua compreensão, oriunda do universo das idéias.

A ação, enquanto movimento, não é uma ação isolada, é uma ação enredada". A ação "enredada", no momento mesmo em que o enredo vai se desenvolvendo, vai instruindo, revelando.

No bojo da ação já se encontra a instrução. A ação instrui.

## AULA 9 - Modalidades de tratamento

É a ação que "induz o ator a tornar-se 'conhecedor'" (HAMELINE, 1979, p. 202).

O conhecedor, contudo, se apresenta em três modalidades:

Doctus (A palavra latina doctus é o particípio passado de doctus, (doutor) que enquanto tal significa fazer, aprender, ensinar- "fazer gala da sua ciência". Ao fazer gala de sua ciência, sua ação é de regozijo consigo mesmo.)

Peritus (A palavra peritus (perito) em sentido próprio faz referência ao que tem a experiência de algo, ou seja, é o experimentado, o hábil que, por sê-lo, está habilitado.

O peritus (perito) é também o expertus,(experiente) isto é, o experimentado, o que sabe. Sendo perito, é o sabedor prático, o que em matéria de conhecimento qualifica-o como conhecedor cuja última palavra é a sua. A ação do perito é uma ação que tem por base a crença de que ele é detentor do conhecimento. O perito desconsidera a ascese por receio de perder a objetividade racional necessária ao seu ofício. Com isso ele cai na desmedida.)

Sapiens: homem prudente, discreto e sábio. Como homem prudente ele tem o privilégio de discorrer sobre seu conhecimento sem que alguém o interpele sobre o objeto de seu conhecimento. Como usufruto o sapiens se dá o direito do conhecimento alheio. Sua ação instrui-se, mas não instrui.

## AULA 10 - A ação insensata

A ação insensata é a ação que pula de um extremo a outro sem buscar o Equilíbrio.

O salto de um extremo a outro é o “máximo indesejável”.

A excelência é produzir o ótimo, isto é, o melhor possível.

“A excelência só se conjuga no condicional. Nunca se pode considerar uma coisa ‘completamente boa, sob todos os pontos de vista’”

(HAMELINE, 1979, p. 205).

Considera as ações, as circunstâncias e as pessoas.

### AULA 11- Perspectiva essencialista

historicismo é o método filosófico que tenta explicar sistematicamente pela história, isto é, pelas circunstâncias da evolução das idéias e dos costumes ou pelas transformações

das estruturas econômicas, todos os acontecimentos relevantes do direito, da moral, da religião e de todas as formas de progresso da consciência.”  
(JAPIASSU.1996, p.129)

O essencialismo desconsidera os seres reais considerando-os em seus aspectos ideais.

A leitura essencialista de mundo se estabelece no período da Antigüidade grega, século V a.C. e Idade Média.

já nascemos com certa potencialidade que deve passar por um trabalho em direção a um fim que seria a perfeição.

Sua essência é a racionalidade. Trata-se, portanto, de uma educação dirigida ao espírito.

Podemos destacar como principais representantes desta filosofia educacional os filósofos Platão (428-347 a.C.), Aristóteles (384-324 a.C.), Santo Agostinho, (354-430 d.C.) e Santo Tomás de Aquino ( 1227-1274 d.C.)

É a educação no sentido, como já foi dito de educere, na medida em que forças latentes são liberadas cabendo ao educador estimulá-las vir à tona.

### AULA 12 – Perspectiva naturalista

O real não é mais idealizado. O modo de apropriá-lo passa a ser científico.

Não há uma separação alma e corpo. O homem é seu próprio corpo e sua própria alma. Deve-se educar a ambos para que haja uma harmonia no desenvolvimento natural.

O ideal representa, a partir de nossas experiências vivenciadas dia a dia, o imaginário, objeto da nossa mais alta aspiração, ou seja, a perfeição.

o real é [...] “ o que existe, que diz respeito às coisas, aos fatos.” (JAPIASSU, p.230)

Destacamos como representantes da visão naturalista alguns filósofos como Francis Bacon (1561-1626 d.C), René Descartes (1596-1650 d.C.) John Locke (1632-1704 d.C) entre outros.

O naturalismo recusa, portanto, qualquer elemento sobrenatural ou princípio transcendente. (JAPIASSU,1996, p. 192)

Na perspectiva naturalista, a educação é concebida como processo de desenvolvimento de um organismo vivo, cujas potencialidades físico-biológicas e sociais já se encontram inscritas no homem, como ser natural que é, sempre visando um aumento individual e social da vida.(SEVERINO, 1994, p. 35)

### AULA 13 - Perspectiva histórico-social

O homem ganha uma nova visão. Deixa de ser uma essência espiritual (metafísica) e natural (cientificista) e passa a ser visto a partir das condições concretas, reais, existenciais.

A historicidade do real já encontramos em Heráclito de Éfeso ( 540-480 a.C.), pré-socrático, como eram chamados os pensadores da Physis (física=natureza) que precederam o pensamento de Sócrates. Ele já havia percebido que há um movimento eterno da realidade, bem como que os contrários se harmonizam, dialética.

Contudo, é em Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831 d.C.) e Einrich Karl Marx (1818-1883 d.C.) que a historicidade dialética, história cujo movimento se desenvolve a partir de contradições, que os contrários ganham forma sistemática e metódica. A distinção que se faz é que Hegel parte do universo das idéias (idealismo) e Marx da matéria (materialismo).

Só há conhecimento se houver relação. A relação sujeito-objeto se dá de forma dialética, vale dizer, nem sujeito nem objeto tem prioridade.

Na perspectiva histórico-social, a educação é concebida como processo individual e coletivo de constituição de uma nova consciência social e de reconstituição da sociedade pela rearticulação de suas relações políticas. (SEVERINO, 1994, p. 35)

## AULA 14 - Perspectiva positivista

O positivismo de Augusto Comte (1798-1857) também está presente na educação.

Entendendo que o espírito humano se desenvolve por meio de fases, estabelece a lei dos três estados. Teológico, o estado inicial da humanidade onde os fenômenos são produções de agentes sobrenaturais; Metafísico, estado abstrato, onde se especula sobre o incognoscível e Positivo, fundado em fatos sensíveis ou reduzido a leis naturais. Este último estado é o que seria científico, final de desenvolvimento do espírito humano.

O conhecimento humano deve dirigir-se na busca de relações invariáveis que os fenômenos naturais proporcionam suas leis. O modelo é o das ciências naturais, física, química, biologia. Não interessa para o espírito humano ficar especulando, questionando como é possível essa lei, portando, querer saber de suas causas, isto é, o estado metafísico que a humanidade já deve ter superado. O que interessa é saber como os fenômenos se relacionam.

A educação positivista presta-se a divisões onde se estabelecem áreas: exatas, humanas e biológicas, onde as “científicas” são privilegiadas em detrimento das “humanas”.

## AULA 15 - Perspectiva Reonstrutivista

Os reonstrutivistas entendem que escola e os educadores devem eleger planos de ação que possam reformar a sociedade. Para tanto, procuram aplicar o princípio Deweyano da “reconstrução da experiência”

Os princípios fundamentais do reonstrutivismo, segundo Theodore Brameld, são:

- qualquer que seja a filosofia da educação adotada, esta surge e se desenvolvem a partir de determinados padrões culturais que se encontram subordinados às contingências de tempo e de espaço;

- o processo cultural, devido ao seu dinamismo e crescimento constantes, se encontra em mudanças ininterruptas;
- o homem é capaz de criar e recriar a sua própria cultura e pode, portanto promover o seu autodesenvolvimento. (OLIVEIRA, (org.), 1993, p. 112)

Portanto, cabe à educação o papel de repensar a ordem social vigente a partir e com as forças sociais, econômicas, políticas atuais, propondo novos valores para que a mesma não se autodestrua.

A educação deve conduzir o homem a uma profunda transformação de mentalidade para que o enorme poder tecnológico à sua disposição seja usado para criar em vez de destruir e matar. A sociedade deve ser transformada, não apenas por meio de ações políticas, mas Também através da educação de todos os seus membros para uma nova visão de vida em comum. (OLIVEIRA (org), 1993, p. 112)

O educador reconstrutivista crê que o papel da educação não é apenas transmitir os conhecimentos de nossa herança cultural, mas também desenvolver certas habilidades intelectuais capazes de transformar a estrutura social à luz das necessidades emergentes.  
da vida moderna. (OLIVEIRA(org), 1993, p. 113)

A filosofia por ser reflexiva, crítica, porta os instrumentos que o educador reconstrutivista deve ter para fazer uma análise da existência humana, suas necessidades e posteriores planos de ação que possam concretizar as transformações sociais.

## **AULA 16 - Problemas filosóficos na educação**

Um problema é sempre uma questão proposta para que se dê solução, isto é, um obstáculo.

E porque são problemas é que se faz necessária uma análise filosófica.

Tudo está em eterno movimento- Heráclito.

A consciência filosófica educativa requer engajamento, isto é, estar situado no mundo e comprometido com sua realização.

Não se pode confundir o analfabetismo como o simples não saber ler e escrever, mas em lendo, compreender a realidade histórica e da vida.



O esclarecimento é “desencantamento do mundo”, isto é quebrar o encanto, encontrar ou achar o que está sumido.

Educar para quê? Para a vida, para nos tornarmos homens, cidadãos? Estas e as outras questões levantadas só podem ser pensadas e refletidas, mediadas com a radicalidade filosófica. Esta clareza da importância da filosofia na educação é que vocês precisam ter em mente para poderem fazer frente a conceitos ambíguos divulgados na área de educação tratando-a tão somente como um fazer descompromissado com a realidade vivenciada na concretude de nossas existências.

## **AULA 17 - Relações políticas e de poder na educação**

“Saber é poder”. Já temos aqui uma relação política.

Educação implica em sociabilidade.

O homem só existe, como homem, em sociedade.

As relações sociais se apresentam de forma hierarquizada pela divisão social do trabalho, conseqüentemente por relações de poder.

Um projeto político na educação requer uma teoria crítica que reivindique a “Educação de Cidadania na Formação de Professores” (GIROUX, 1997, p.205). Para uma atuação ativa junto aos outros professores, pais e alunos o professor deverá agir como criador e organizador das lutas, movimentos de mudanças e transformações populares.

## **AULA 18 - O Educador e o exercício do poder**

O professor também é um intelectual.

Seria possível dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais (assim, o fato de que alguém possa, em determinado momento, fritar dois ovos ou costurar um rasgão no paletó não significa que todos sejam cozinheiros ou alfaiates). (GRAMSCI, 1999, p. 18).

É preciso saber qual é a sua função na sociedade, vale dizer, sua posição.

As disciplinas formativas não são um fim em si, são meios, ferramentas,

técnicas que só têm sentido quando utilizadas para um fim magnânimo.

Entendo que vocês como futuros professores devem, a partir da apropriação do saber que leva ao conhecimento, organizar um discurso que aponte as contradições e fracassos de qualquer modelo, seja este tradicional ou não, que impeça assinalar novas experiências escolares para uma escolarização realmente democrática.

## **AULA 19 - Ideologia na educação**

IDEOLOGIA - Termo que se origina dos filósofos franceses do final do século XVIII, conhecidos como “ideólogos” (Destutt de Tracy, Cabanis, dentre outros), para os quais significava o estudo da origem e da formação das idéias. Posteriormente, em um sentido mais amplo, passou a significar um conjunto de idéias, princípios e valores que refletem uma determinada visão de mundo, orientando uma forma de ação, sobretudo uma prática política. (JAPIASSÚ, 1996, p.136)

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças como de classes, de fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificados de todos e para todos, como por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, Igualdade, a Nação, ou o Estado. (CHAUI, 1981, p. 113-14)

A ideologia, como “um corpo explicativo” que mascara a realidade não permite que se reflita de forma crítica a história social, nem a geração de significados para o potencial do indivíduo sujeito.

O que torna a ideologia possível, isto é, a suposição de que as idéias existem em si e por si mesmas desde toda a eternidade, é a separação entre trabalho material e trabalho intelectual, ou seja, a separação entre trabalhadores e pensadores. Portanto, enquanto esses dois trabalhos estiverem separados, enquanto o trabalhador for aquele que “não pensa” ou que “não sabe pensar”, e o Pensador for aquele que não trabalha, a ideologia não perderá sua existência nem sua função. (CHAUI, 1981, p. 86)

A neutralidade em educação também é uma ideologia, que se aprofundada nega o caráter libertário e emancipativo, no sentido de autonomia, da educação.

## **AULA 20 - Educar para a cidadania: a contra ideologia**

O discurso não-dialógico é a negação para superar o abstrato e lacunar que a ideologia proporciona.

Crítico e anunciador das contradições que possam pairar no processo educativo.

Um processo que envolve uma relação interpretativa entre conhecedor e conhecido.(GIROUX, 1997, p. 45)

as preocupações tradicionais dos educadores giram em torno do currículo normal e, como resultado, as questões que emergem são familiares: Que matérias serão ensinadas? Que formas de instrução serão usadas? Que tipos de objetivos serão desenvolvidos? Como podemos combinar os objetivos com formas correspondentes de avaliação? Por mais importantes que sejam estas questões, elas flutuam na superfície da realidade. Elas não incluem um foco sobre a natureza e função do currículo oculto, isto é, aquelas mensagens e valores que são transmitidos aos estudantes silenciosamente através da seleção de formas específicas de conhecimento, do uso de relações específicas em sala de aula, e das características definidoras da estrutura organizacional escolar. (GIROUX, p. 36)

À medida que compreendo a história como possibilidade, eu reconheço:

1. que a subjetividade tem que desempenhar um papel importante no processo de transformação.
2. que a educação torna-se relevante à medida que este papel da subjetividade é compreendido como tarefa histórica e política necessária.
3. que a educação perde significado se não for compreendida – como o são todas as práticas – como estando sujeita a limitações. Se a educação pudesse fazer tudo não haveria motivo para falar de suas limitações. Se a educação não pudesse fazer coisa alguma, ainda não haveria motivo para conversar sobre suas limitações. (PAULO FREIRE. In: GIROUX, p. 10)

## **AULA 21 - Filosofia da Educação nas perspectivas técnico-científica, política e filosófica.**

O conhecimento do novo mundo é o conhecimento do mundo incerto.

Precisamos mudar o mundo. O universo herdado de Kepler, Galileu, Copérnico, Newton e Laplace era um universo frio, gelado, de esferas celestes, de movimento perpétuos, de ordem impecável, de medida, de equilíbrio. Precisamos trocá-lo por um universo quente, de nuvem ardente, de bolas de fogo, de movimentos irreversíveis, de ordem misturada à desordem, de despesa, de desperdício, de desequilíbrio. O universo herdado da ciência clássica era centrado.

O novo universo é acêntrico, policêntrico. [...] O antigo universo era um relógio perfeitamente regulado. O novo universo é uma nuvem incerta. [...] O antigo universo era reificado. Tudo ali participava de uma essência ou de uma substância eterna; tudo – ordem, matéria – era incriado e inalterável. O novo é desreificado[...] O antigo universo se instalava em conceitos claros e distintos do Determinismo, da Lei, do Ser. O novo universo mexe nos conceitos, os transborda, os faz explodir, obriga os termos mais contraditórios a se colarem sem, entretanto, perderem suas contradições em uma unidade mística. (MORIN, 2002. p. 84-85)

É no seio da incerteza que a educação e formação do professor devem ser pensadas. Ele mesmo vivencia essa incerteza e o incerto constitui o novo. O novo é a compreensão da realidade em sua organização, em sua compleição, em sua totalidade.

## **AULA 22 - Concepções de ética e moral conforme a visão essencialista e existencialista.**

A palavra ética é utilizada como sinônimo de moral e a própria moral como sinônimo de ética.

Ética (gr. ethike, de ethikós: que diz respeito aos costumes)

Parte da filosofia prática que tem por objetivo elaborar uma reflexão sobre os problemas fundamentais da moral (finalidade e sentido da vida humana, os fundamentos da obrigação e do dever, natureza do bem e do mal, o valor da consciência moral etc.), mas

fundada num estudo metafísico do conjunto das regras de conduta consideradas como universalmente válidas. Diferentemente da moral, a ética está mais preocupada em detectar os princípios de uma vida

conforme a sabedoria filosófica, em elaborar uma reflexão sobre as razões de se desejar a justiça e a harmonia e sobre os meios de alcançá-las. A moral está mais preocupada na construção de um conjunto de prescrições destinadas a assegurar uma vida em comum justa e harmoniosa. (JAPIASSÚ, 1996, p. 93)

A moral diz respeito aos costumes, hábitos, comportamentos e usos.

Moral (lat. moralis, de mor-, mos: costume)

Pode-se distinguir entre uma moral do bem, que visa estabelecer o que é o bem para o homem – a sua felicidade, realização, prazer etc. e como se pode atingi-lo – e uma moral do dever, que Representa a lei moral como um imperativo categórico, necessária, objetiva e universalmente válida: ‘O dever é uma necessidade de se realizar uma ação por respeito à lei’ (Kant). Segundo Kant, a moral é a esfera da razão prática que responde à pergunta: ‘O que devemos fazer?’ (JAPIASSU, 1996, p. 187)

A ética é uma reflexão sobre a moral, sobre os costumes, hábitos e comportamentos do homem.

### **AULA 23 - Caráter universal da ética**

“O bem para o homem – a sua felicidade, realização, prazer etc.,” não é o mesmo para todos. Por isso, as normas que norteiam a ação desses homens estão de acordo com sua cultura e estão em constante mudança na medida em que determinada cultura evolui.

O agir do professor deve estar calcado em princípios universais de bem, justiça, felicidade, virtude, dever, entre outros.

Foi Aristóteles (384-324 a.C.) quem teria usado pela primeira vez este termo no sentido de reflexão sobre os costumes. Por isso ele é Considerado o fundador da Ética.

A finalidade é o fim, mas não qualquer fim. É o fim supremo, o fim por excelência, que ele traduz como Bem Supremo, um fim último. Como fim último? Que significa fim e último? Parece que precisamos explicar isso. Se for fim é último.

A educação, por exemplo, é fim e não meio.

Qual é o fim último de quem vai ao cinema? Supostamente assistir o filme.

Este é o fim. Mas alguns vão ao cinema para namorar, comer pipoca e aí o fim se torna meio para um outro fim

## AULA 24 - A legitimação da educação pelo projeto ético da sociedade

Escolher meios e fins implicam em fazer juízos.

O que é fazer juízos? É afirmar ou negar, aceitar ou rejeitar algo.

Temos juízos de valores e de realidade: Quando digo que está chovendo e esta afirmação corresponde com a realidade. Mas se digo que a chuva é bela, meu juízo é de valor.

A ética reflete sobre os valores da vida: políticos, econômicos, religiosos, estéticos, familiares, educacionais etc. estudando o que é o bem e mal, justo e injusto, virtude, felicidade. Procura responder questões tais como: o que devo fazer? Como devo ser? Como devo agir?

Para Platão (428-347 a.C.) a moral está ligada à **πόλις** (pólis = cidade).

Bom cidadão é aquele que é virtuoso, é aquele que vive segundo as normas da justiça.

Para Aristóteles (384-324 a.C.), a ética tem caráter finalista (o bem e a perfeição estão relacionados ao fim de cada agir) e **eudaimônica** (eudaimonia = felicidade). Não um bem qualquer, mas o Supremo Bem, o Bem por excelência. Ele considera a felicidade, como este bem superior.

A felicidade é certa atividade da alma, dirigida pela vida perfeita, conquistada pela prática da **virtude**.

A virtude é uma qualidade, a prática do bem, diferente do vício que é a prática do mal. A virtude é o meio termo, a mediania. Comer em excesso, por exemplo, não é virtuoso como também não o é deixar de comer, mas comer moderadamente é o meio termo.

Não é fácil ser bom, pois em todas as coisas, é difícil encontrar o meio termo. Por exemplo, encontrar o meio de um círculo não é para qualquer um, mas só para aquele que sabe fazê-lo; e, do mesmo modo, qualquer um pode

encolerizar-se, dar ou gastar dinheiro – isso é fácil; mas fazê-lo à pessoa que convém, na medida, na ocasião, pelo motivo e da maneira que convém, eis o que não é para qualquer um e tampouco fácil. Por isso a bondade tanto é rara como nobre e louvável. (ARISTÓTELES, 1987, p. 37-38)

## AULA 25 - A ética formal

A palavra **imperativo** significa ordem -Emanuel Kant (1724-1804)

Kant deduzir as três **máximas morais**: 1-lei universal da natureza.

2. age de tal maneira que trates a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de outrem, sempre como um fim e nunca como um meio.

3-3. Age como se a máxima de tua ação devesse servir de lei Universal para todos os seres racionais.(KANT, In: Chauí, 2003, p. 317)

A razão prática deve ordenar para não agirmos de forma condicionada pelas circunstâncias materiais. Estas circunstâncias levam os homens a agirem utilizando os outros como meio.

## AULA 26 - A ética existencialista

O existencialismo é uma filosofia contemporânea.

O existencialismo cristão e ateu.

Ambos são concordantes num ponto: a existência precede a essência.

Existente (al. das Seiende) Designa toda realidade concreta, as coisas, os outros homens, o Dasein (oser-aí ou a realidade humana). Enquanto existente, o homem é ao mesmo tempo o ser entre as coisas existentes, o ser com a realidade humana dos outros e

o ser em relação consigo mesmo. 'O existente é o ser-no-mundo' (HEIDEGGER). (JAPIASSÚ, 1996, p. 95)

Assim, podemos dizer que só o homem existe, as outras coisas são. Isto porque existir é ter consciência de "ser-no-mundo" e que sua existência se identifica com sua liberdade.

A essência, em sentido amplo é o que constitui a natureza das coisas. É ela que dá identidade a essas mesmas coisas. Por isso, as coisas já são dadas e determinadas.

O homem é **livre** para fazer a experiência de si mesmo como possibilidade de ser; significa dizer também que é ele que faz o seu próprio destino, pois é livre para fazer escolha.

A **má fé** é o maceramento da escolha. Finge-se fazer uma escolha sem na verdade fazê-la para não sofrer a angústia de escolher e, portanto, assumir a responsabilidade de tal escolha.

As coisas são em si. Em si é tudo o que não é existência. O homem é um **ser-para-si**. O **ser-para-si** enquanto tal não é idêntico a si mesmo. Ser-para-si significa a realidade humana. É aquele ente que questiona sobre o seu próprio ser ou cujo ser está presente; é o homem fazendo uso de sua subjetividade. Não fazer uso dessa subjetividade é tornar-se um “ser-para-outro”, isto é, deixar que o outro determine sua existência.

A ética existencialista é a ética da liberdade.

Se o homem é realmente livre e pode fazer sua escolha, então ele é responsável por aquilo que faz e escolhe.

A moral existencialista é a moral da ação. São nossas ações que dizem o que somos a partir de nossas escolhas.

A escolha “é a liberdade para mim e para os outros”.

## AULA 27 - Os problemas epistemológicos da educação

A palavra **epistemologia** é uma palavra grega: *episteme+logos*, usada como sinônimo de **gnoseologia** e que chamamos teoria do conhecimento.

O que é um objeto? É, em sentido amplo, tudo o que se oferece à vista ou ao espírito. Assim o objeto tanto é apropriado pelos nossos cinco sentidos, visão, audição, tato, paladar e olfato, quanto pelo espírito (mente) que abstrai as manifestações de nossa experiência concreta.

Será possível o conhecimento? É até possível conhecermos alguma coisa, mas que jamais conseguiremos chegar a sua verdade.

## AULA 28 - O racionalismo

O racionalismo é a doutrina filosófica que diz que todo conhecimento provém da razão. Seu representante mais famoso é René Descartes (1596-1650).

A primeira verdade certa foi o *Cogito Ergo Sum*, isto é, Penso, logo existo. [...]“Se eu duvido, eu penso, eu não posso duvidar que penso, e se eu penso, eu sou”.

1-jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.



2-dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las.

3-conduzir, por ordem, meus pensamentos começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros.

4-fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir. (DESCARTES, p. 37-38)

Descartes principia pela dúvida, propõe algumas regras e sugere que o conhecimento é como se fosse inato, isto é, congênito, inerente ao indivíduo. Não aceita assim o conhecimento proveniente da experiência sensível.

## **AULA 29 - O empirismo**

Para o empirismo a experiência é necessária. Indicamos alguns representantes como Francis Bacon (1561-1626) e John Locke (1632-1704).

Para o empirismo nada chega à razão que não tenha passado primeiro pela experiência e de preferência pela experiência sensível, isto é, a experiência obtida por meio de nossos cinco sentidos, que já falamos em outra unidade: visão, audição, tato, paladar e olfato.

Quando nascemos, nossa mente é como se fosse um papel em branco sem nada registrado. Assim, na medida em que vamos adquirindo experiência, e os sentidos são os meios que as proporcionam, é que vamos registrando em nossa mente vazia as impressões que os objetos nela imprimem. DESCARTES

**Todas as idéias derivam da sensação ou reflexão.** (LOCKE, 1978 p. 159)

No conhecimento empírico a relação se dá do objeto para o sujeito, isto é de fora para dentro.

As sensações externas oferecem o material para que o entendimento interno os relacione, compare e distinga as experiências, dando-se assim o conhecimento.

Há uma interação entre o sujeito e o objeto?

## **AULA 30 - Ceticismo**

O céptico é a aquele que duvida de tudo. O ceticismo , do grego Skeptikos, é, segundo Jolivet, a “Doutrina segundo a qual a razão não se acha efetivamente em posse de nenhuma certeza, nem pode realmente possuir nenhuma.” (JOLIVET, 1975, p. 41).

Na Antigüidade grega esta prática educacional era feita pelos sofistas. Com o pretexto de ensinarem aos jovens serem bons cidadãos, ensinavam, por meio da linguagem, a arte da persuasão. Por esta razão é que foram combatidos por Sócrates.

Sócrates (469 a 399 a.C.) é conhecido através de seus discípulos, Xenofonte e Platão. Nascido em Atenas, recebeu uma educação cuidadosa de seus pais: Sofronisco, escultor e Fenarete, parteira. Seu ensinamento foi oral, nada escreveu. Não obstante, foi considerado um dos homens mais sábios de seu tempo. Apesar disso, não se considerava sábio. “Só sei que nada sei”.

se conscientizassem de seus limites e preconceitos, livrando-se do falso-saber e ilusões. “Gnôthi Séauton” (Conhece-te a ti mesmo), eis seu lema.

Para ele o conhecimento é possível desde que venhamos a reconhecer nossa ignorância.

O método socrático de ensinar é a ironia (**eironeia**=interrogação) e a **maiêutica** (maieutiké= arte de assistir ao parto). A ironia levava seus ouvintes a descobrirem seus erros e a maiêutica em fazer “os espíritos dar à luz”, ou seja, em fazê-los descobrir por si próprios as noções e verdades que possuíam sem o saberem.

### **AULA 31 - Dogmatismo e criticismo**

O Dogmatismo, como doutrina, é a imposição de idéias e princípios. O dogmático acredita e dá um valor indiscutível às próprias afirmações e opiniões. Ensina com autoritarismo, não admite contestação.

O dogmático é intransigente. Suas afirmações são destituídas de Fundamentos e provas. Seu discurso é autoritário, nega-se a se submeter a uma análise crítica, pois a verdade de que é portador basta a si mesma. Há um excesso de confiança na razão.

Onde há doutrina não é possível educação, isto porque a educação supõe liberdade de pensar diferente do outro, enquanto a doutrina dogmática parte do ensinamento de verdades já estabelecidas.

**Criticismo** (do al. Kritizismus) Doutrina kantiana que estuda as condições de validade e os limites do uso que podemos fazer de nossa razão pura. [...] Quando tenta situar sua própria filosofia, Kant o faz relativamente a dois perigos: a) o perigo do dogmatismo, que confia demasiado na razão, sem desconfiar bastante das ilusões especulativas; b) o perigo do empirismo que, por medo dos erros dogmáticos, tende a reduzir tudo à experiência. (JAPIASSU, 1996, p. 60)

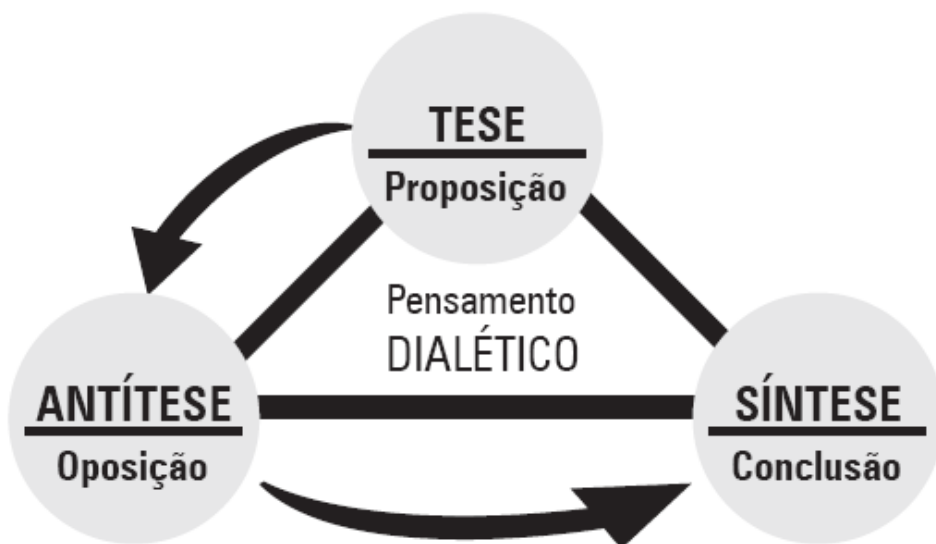
O conhecimento é possível, mas é limitado.

## AULA 32 - Dialética

A dialética em sentido amplo é a arte de raciocinar, de argumentar ou discutir.

o processo dialético: **tese**, **antítese** e **síntese**, ou seja, **afirmação**, **negação** e **negação da negação**.

A primeira tríade do sistema hegeliano é a mais célebre. O ser é: é a afirmação ou a tese. Mas ser totalmente indeterminado, sem ser isto ou aquilo, equivale ao nada, de modo que a afirmação ou tese implica a negação ou antítese: o ser não é. Esta negação será negada e teremos a síntese na proposição: o ser é devir. Mais clara será a dialética do espírito religioso. A tese consiste em só ter em conta os bens celestes. A antítese, em apenas estimar os bens terrenos. A síntese, em reconhecer que os bens terrenos condicionam os bens celestes e devem ser buscados em função deles. (FOULQUIÉ, p. 51)



Toda vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios, que induzem às doutrinas do misticismo, encontram sua solução racional na práxis humana e no compreender dessa práxis. (MARX, 1978, p. 52)

Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo diferentemente, cabe transformá-lo. (MARX, 1978, p.52)

[...] a matéria não é, como julgava a física clássica com o senso comum, uma realidade passiva e inerte que só se transforma sob a ação das forças que sobre ela atuam: ela é essencialmente dinamismo e movimento.(FOULQUIÉ, 1978, p. 58.

O modo dialético de pensar na educação supera a visão metafísica, essencialista e naturalista de educar. Marx entende que os homens são indivíduos reais, que agem e produzem suas condições tendo como base a vida materialmente determinada, já encontrada por eles. Esta produção é empiricamente verificável e é nela que se dá a ação do homem. Esta é sua história e o primeiro ato histórico do indivíduo não é ficar pensando, mas “produzir seus meios de vida, passo este que é condicionado por sua organização corporal “ (MARX e ENGELS, 1979, p. 27).

### **AULA 33 - O trabalho como identidade humana**

Se o existencialismo diz que a existência precede a essência, o trabalho pode ser considerado esta essência humana.

**Trabalhar** é condição imprescindível para que o indivíduo se humanize, para que seja um ser humano.

O produto desse trabalho é a criação de valores culturais que vão estar a serviço da humanização da sociedade.

### **AULA 34 - Concepção de trabalho**

A palavra trabalho é oriunda de uma palavra latina, tripalium, que designa um instrumento de tortura de três paus onde se costuma ferrar os animais. Percebe-se desde já que a palavra vem carregada de forte simbologia: sacrifício, sofrimento, castigo.

Em sentido amplo pode-se dizer que trabalho é a aplicação da atividade física ou intelectual. E vamos acrescentar: do homem.

O trabalho do educador requer conhecimento, saber. O saber não é Estático. Sendo um saber dinâmico, necessária se faz sua atualização.

## AULA 35 - Distinção entre trabalho e labor

O trabalho é visto por Hesíodo não como labor, mas como transformação da natureza.

Hannah Arendt (1906 – 1975) faz uma preciosa distinção entre trabalho e labor. O laborans (labor) é uma atividade que atende as necessidades de subsistência biológica da vida enquanto a palavra trabalho é a transformação da natureza pelo homem para seu uso-fruto.

Não deixar o labor não se transformar em trabalho alienado.

## AULA 36 - Trabalho alienado

A palavra **alienação** diz alheação. O alheado perde alguma coisa. Se a razão lhe falta, chamamos o indivíduo de alienado mental; se são seus bens que faltam, falamos de bens alienados, isto é, bens dos quais você não pode mais fazer o uso fruto dos mesmos. O verbo alhear nos indica que o alheável transfere para outrem, para outra pessoa, a sua autonomia, isto é, transfere para o outro o que lhe pertence, portanto, privando-se do que lhe é próprio.

O conhecimento que vocês estão construindo, fundamentado na teoria, ciência e técnica educativa, não pode ser moeda de escambo, permuta, troca para acomodar meios que destoam com o fim educacional que é a formação do homem em sua totalidade.

## AULA 37 - Cultura: dificuldade de definição

**Cultura** significa **cultivar**. **Cultivar** é desenvolver. O Homem é o ser que cultiva, colhe, desenvolve alguma coisa.

Em cultura, faz-se referência à arte porque essa vivifica, é plena de alma que transmite elevação e entusiasmo, e tudo isso unido “em todas as manifestações da vida de um povo”, vale dizer, realizado na existência de um povo.

## AULA 38 - Cultura e educação

Acredito ter observado de que lado é mais claro o apelo à extensão, à ampliação máxima da cultura.

Esta extensão é um dos dogmas da economia política [*nationalökonomischen Dogmen*] mais caros da época atual.

O máximo de conhecimento e cultura possível – portanto o máximo de produção e necessidades possível –, portanto o máximo de felicidade possível: - eis mais ou menos a fórmula. Temos aqui, como objetivo e fim da cultura a utilidade, ou, mais exatamente, o

lucro, o maior ganho de dinheiro possível. Do ponto de vista desta tendência, a cultura deve mais ou menos ser definida como discernimento graças ao qual alguém se mantém “no cume de sua época”, graças ao qual se conhece todos os caminhos que permitem

mais facilmente ganhar dinheiro, graças ao qual se possui todos os meios pelos quais se dá o comércio entre os homens e os povos. (Nietzsche, 2003, p. 61-62)

### **Aula 39 - História monumental**

Na “história monumental”, o grandioso e extraordinário é realçado como se causa fosse de um vir-a-ser necessário, uma essência. Ela procura presentificar os grandes ícones como modelos exemplares dignos de imitação, criando os icnófilos, isto é, os que gostam de imagens ou quadros, que procuram perpetuar as ações venerandas e com isso obstruir a vida e seu descobrimento.

“A história monumental engana através de analogias”. Por sedutoras assimilações enganadoras, arrasta o homem corajoso para a temeridade e o entusiasta para o fanatismo” (Nietzsche, 1993, p. 229).

A história monumental mostra “um claro-escuro de verdade e engano”.

### **AULA 40 - História tradicional ou antiquário**

A história tradicional é aquela que conserva e venera a continuidade. E o faz porque é da natureza do continuado o inalterado. Por isso, essa história não transforma o passado em um novo saber. Ela também é vítima de equívocos, tal como a história monumental. Aferrada às tradições, sua visão de mundo fica modificada na sua extensão; perde-se a visão de conjunto e fragmenta-se o que é visto; cria-se um sentido de respeito ao que é velho em detrimento a tudo que é novo. Este é o perigo. O novo passa a ser recusado, não admitido, atacado. A história tradicional ou antiquário “Sabe conservar a vida, não sabe fazê-la nascer; é esse o motivo por que deprecia sempre a vida em transformação” (Nietzsche, 1993, p. 234). Ela busca preservar a continuidade para não revelar a descontinuidade, isto é, não revelar a contradição de uma ação que se mostraria como vida.

## AULA 41 - História crítica

A história crítica, ao examinar as injustiças do passado, o faz com os valores do presente indo de encontro aos usos da época a que se refere, portanto, matando a vida, não a considerando como poder de afirmação e criação. Sua vontade de saber aniquila o sujeito de conhecimento.

A história crítica é importante para vida, mas não exerce papel de mediania; vai aos extremos.

A história crítica é relutante. Sua pertinácia é a busca da verdade. Em nome da verdade sacrifica o conhecimento e o sujeito desse conhecimento; Desconsidera o movimento da vida que é paixão, instinto, caos, que está para além da “inteligibilidade lógica”

## AULA 42 - O uso do tripé histórico

O tripé histórico, isto é, a história **monumental**, **tradicional** ou **antiquário e crítica** parece que fez e se faz presente na formação e educação do professor.

A formação e educação do professor não podem deixar de lado a relação cultura e educação.

Toda essa manifestação histórica é potência, força e poder quando Aprofundada.

## AULA 43 - Os professores e as transformações sociais

Toda a solução simples é uma solução falsa. E em geral é uma solução preguiçosa – como é o ceticismo que nos livra de todo dever de investigação longa e árdua porque para ele nada há para investigar. (Bochenski, 1977, p. 42)

O professor Esteve ao refletir sobre a pressão exercida na função do professor propõe duas ordens:

- Chamam-se factores de primeira ordem os que incidem directamente sobre a acção do professor na sala de aula, modificando as condições em que desempenha o seu trabalho, e provocando tensões associadas a sentimentos e emoções negativas que constituem a base empírica do mal-estar docente.

- Os factores de segunda ordem referem-se às condições ambientais, ao contexto em que se exerce a docência. Este segundo grupo de fatores tem uma acção indirecta, afectando a motivação e a implicação do professor.(Esteve, In: Nóvoa, 1995, p. 99)

A primeira e a segunda ordens se desdobram em vários indicadores que ele chama de “doze indicadores básicos” como resumo das mudanças educacionais:

- 1-aumento das exigências em relação ao professor;
- 2- inibição educativa de outros agentes de socialização;
- 3- desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola;
- 4- ruptura do consenso social sobre a educação;
- 5-aumento das contradições no exercício da docência;
- 6-mudança de expectativas em relação ao sistema educativo;
- 7-modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo;
- 8-menor valorização social do professor;
- 9-mudança dos conteúdos curriculares;
- 10-escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho;
- 11-mudanças nas relações professor-aluno;
- 12-fragmentação do trabalho do professor.

### **AULA 44 - Princípio da complexidade**

“A questão da complexidade é complexa!”, diz Morin (2000, p. 45). Ela carece de ser abordada de maneira científica, por uma teoria científica da complexidade.

Refletir sobre a educação e formação do professor procurando simplificá-las, é não levar em consideração que o simples não tem composição.

“para legislar ela deve disjuntar, isto é, isolar os objetos sujeitos às leis” (Morin, 2000, p. 45).

A ciência clássica tende ao pensamento disjuntivo. Ela não prima pela copulação. É de sua natureza separar, desunir – no sentido de desmembrar; simplificar.

A educação e formação do professor não são um fenômeno simples, mas complexo. E é complexo não no sentido negativo e talvez ingênuo de “complicado”, mas sim no sentido positivo de enredado, atado, enlaçado. O “complicado” é que possui influências recíprocas.

Do simples ao complexo dá-se um salto, mas não um salto quantitativo. A própria complexidade, mesmo tendo alguma sustentação quantitativa, possui uma lógica. O salto do simples ao complexo deve ser qualitativo, feito a partir do exame e da crítica ao simples.

Por exemplo, existe uma visão estática que consiste em considerar nós mesmos como organismos. Nós somos constituídos de 30 ou 50 bilhões de células. Mas, na verdade – e creio que foi Atlan quem fez essa observação –, nós não somos constituídos de células, somos constituídos de interações de células. Não são tijolos uns ao lado dos outros e sim interações. (Morin, 2000, p. 51)

A educação e formação do professor, se reduzidas ao pensamento



simplificador, podem ficar restritas a uma noção de lei universal, leis em si, desconsiderando que a manifestação dessas leis só se dá se houver elementos de interação. Nesse sentido, estranham-se uma educação e formação que descartam a história como interação, colocando em seu lugar a história no sentido médico, como sucessão de sinais e sintomas. A sucessão de sinais e sintomas é também um princípio reducionista. Reduz a educação aos aspectos técnicos, desconceituando os aspectos éticos e morais que ela envolve. A consequência é a não consciência histórica.

## **AULA 45 - Educação e modernidade**

Por modernidade, entende-se o movimento filosófico que rompe com o saber contemplativo e que deposita toda a confiança na razão esclarecida, capaz de indagar pelo real e de o conhecer. A razão passa a ter um poder ilimitado. O uso da razão torna-se indispensável para o esclarecimento.

O paradigma da modernidade pretende um desenvolvimento harmonioso e recíproco do pilar da regulação e do pilar da emancipação, e pretende também que esse desenvolvimento se traduza indefectivelmente pela completa racionalização da vida colectiva e individual. Esta dupla vinculação – entre os dois pilares, e entre eles e a práxis social – vai garantir a harmonização de valores sociais potencialmente incompatíveis, tais como justiça e autonomia, solidariedade e identidade, igualdade e liberdade. (Santos, 2002, p. 50)

A educação é um fenômeno social em sua totalidade. Sendo assim, não cabe uma educação que forme os homens unilaterais, especializados e alienados, mas o homem não especializado e livre da exploração e da alienação do seu trabalho: o homem novo. Mas o homem novo só existirá com a transformação simultânea das condições de sua existência. A sua realização se dará com a hegemonia da educação.

Captar o fenômeno de determinada coisa significa indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno e, como ao mesmo tempo nele se esconde. Compreender o fenômeno é atingir a essência. Sem o fenômeno, sem sua manifestação e revelação, a essência seria inatingível. (Kosik, 1976, p. 12)

O que caracteriza a modernidade é a racionalização.

Os professores perdem a dimensão da intelectualidade, resistem à função de executores burocráticos e não se identificam como sujeitos fazedores da história.

## **AULA 47 - Educação e mudança social**

Ao desenhar ou avaliar estratégias que procuram preparar os professores para enfrentar o desajustamento produzido pela aceleração da mudança social, com o objectivo de reduzir os efeitos negativos do mal-estar docente, é útil distinguir dois planos diferentes. (Esteve, In; Nóvoa, 1995, p. 117)

Em primeiro lugar, é preciso fazer um planeamento preventivo que rectifique erros e incorpore novos modelos no período de formação inicial, evitando que aumente o número de professores desajustados. As mudanças no papel do professor e as profundas modificações no contexto social e nas relações interpessoais ao nível do

ensino obrigam-nos a repensar o período de formação inicial.

Em segundo lugar, convém articular estruturas de apoio aos professores, de modo a ajudá-los: a evitar flutuações e contradições no estilo de ensinar; a encontrar respostas que não passem pela inibição e pela rotina; a reagir às situações de ansiedade. Os professores em exercício devem assimilar as profundas transformações

que se produziram no ensino na sala de aula e no contexto social que a rodeia, adaptando conseqüentemente os seus estilos de ensino e o papel que vão desempenhar. (Esteve, In; Nóvoa, 1995, p. 117)

#### **AULA 48 - Filosofia, educação e prática**

Educação é vida. Vida aqui está sendo considerada como existência. A existência é um processo contínuo e contraditório e não uma série de fenômenos sucessivos como de causa e efeito. A pura e simples relação de causa e efeito, abstrai aquilo que a existência tem de rico, ou seja, sua contraditoriedade e multiplicidade, o que dá sentido a própria existência.

Consciência crítica e não ingênua.

Levantem questões de caráter teórico, político; análise dos currículos, cidadania, confinamentos estruturais e ideológicos.